



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

PRODUÇÕES DE CONHECIMENTO EM TERREIROS DO INTERIOR DA
BAHIA À ACADEMIA: CORPOS-TERRITÓRIOS E NARRATIVAS DE
MESTRAS DA TRADIÇÃO ORAL

Pâmela dos Santos Porto¹; Eduardo Oliveira Miranda²;

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduada em Letras com Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: pamelaaporto@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eduardomiranda48@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Saberes tradicionais. Terreiros.

INTRODUÇÃO

Debruçando-nos sobre as memórias e histórias de mestres da tradição de terreiros do Portal do Sertão, situadas no município de Feira de Santana, concebemos a preservação do conhecimento ancestral, destacando valiosos fundamentos enraizados nas narrativas orais tradicionais. Nesta circunstância, nas histórias de vida das Mestras Mãe Maria Pequena de Ogum e Mãe Maricélia. Pretendendo, além do realce às memórias, métodos possíveis para possibilitar o intercâmbio de saberes entre o terreiro e a universidade, pensando de que forma a contação de histórias de matrizes africanas podem contribuir para o Corpo-Território docente; e como esses saberes nos atravessam, enquanto pesquisadores. Constituída pelas ações de pesquisa do projeto *Cacimba de histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia* que integra a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB); e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O subsídio teórico-metodológico se ampara, principalmente, nas concepções de Hampaté Bâ (2010) quanto a tradição oral em comunidades africanas; de Miranda (2020), para pensarmos o Corpo-Território Decolonial no espaço escolar/acadêmico, e de Machado (2014) para adentrarmos nos mitos afro-brasileiros e suas aplicações na prática educativa. Neste caminho, trabalhamos através da Entrevista Narrativa, para escutarmos e conhecermos a história de vida e as tradições orais. As ações

resultaram na observação e registro das narrativas autobiográficas das Mestras entrevistadas, na dimensão que a cultura e religião de matriz africana atravessam a coletividade e a educação. Realçamos a valia presente na contação de histórias; de forma que cultive as poéticas orais, promovendo aprendizagens vivas e diretas. Para a partir delas, constituir-se, novos olhares para individualidades; para a docência; para o resguardo de uma herança, e principalmente, para a contribuição em fomentar os espaços formativos com a cultura de matriz africana.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Utilizando como base a metodologia qualitativa, a pesquisa se desenvolveu através de métodos bibliográficos e etnográficos, considerando como foco as narrativas orais da Mestre Mãe Maria Pequena. Antecedendo a ida ao campo, construímos uma rede de recursos para obtenção de dados, sendo a pesquisa bibliográfica de materiais dos seguintes teóricos: MACHADO (2014), MIRANDA (2020), SODRÉ (2002) e LUZ (2013); levantando dados com a pesquisa etnográfica em campo, com observação direta das ações da Mestre, através da Entrevista Narrativa semiestruturada coletivamente.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados) RESULTADOS PROPOSTOS/ALCANÇADOS

Partindo da hipótese de que as memórias e histórias de mestras da tradição de terreiros do Portal do Sertão, situadas no município de Feira de Santana/BA, preservam nascentes do conhecimento nas narrativas tradicionais; podemos destacar conteúdos observados, até então, na história de vida da Mestre a qual integrou nossa pesquisa, Mãe Maricélia. Buscou-se aqui, além do realce às memórias, métodos possíveis para possibilitar o intercâmbio de saberes, estabelecendo diálogos com o material produzido no plano de trabalho antecedente a este, Pensemos: Como esses saberes nos atravessam, enquanto pesquisadores-educadores? O que há em comum nas narrativas destas mulheres negras e sacerdotisas? O que estes Corpos-territórios nos dizem e nos ensinam?

Através das memórias de vida relatadas por Mãe Maricélia, conseguimos acessar circunstâncias históricas que atravessam as vivências de uma mulher, negra e sacerdotisa do Candomblé. Em sua caminhada, evidencia grande afetividade para com os seus; mediunidade e liderança no terreiro, espaço que, observado nessa conjuntura, atua para além das atribuições da religião, explicitando-nos a importância desses espaços enquanto resistência e preservação do senso de comunidade entre o povo preto. “É nos terreiros

que, não raro, essa comunidade busca alimentação, remédios, conselhos e um olhar e atenção que nem sempre encontra, seja por parte do Estado, seja de outras instituições.” (BARRETO e MOURA, 2020, p. 1)

De modo que, as narrativas e todo o contexto em que a Mestra ou Mestre estão inseridos potencializam e nos ajudam a mergulhar na nossa identidade afro-brasileira; vivenciar esses espaços nos levarão para essa dimensão. “O território aparece, assim, como um dado necessário à formação da identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros.” (SODRÉ, 2002, p. 15), Partilhando da mesma potencialidade, a contação de histórias através das palavras, rezas e cantigas mostram-se grandes produtoras do conhecimento, ainda que subalternas em espaços acadêmicos. “Compreende-se aqui a importância na preservação da memória como forma de manter vívida em nós os legados ancestrais destacados anteriormente, podendo retornar para a convivência comunitária no terreiro, e para além dele, de modo ético, cuidadoso e responsável e contra hegemônico.” (SILVA e SILVA, 2020, p. 63). Memórias e saberes significativos que precisam ser pensados também, no espaço da educação formal, nos levando “a evadir do terreno teórico-metodológico unidimensional, uno e totalitário” (LUZ, 2013, p. 14) existentes no campo da formação de professores.

Realçamos a valia presente na contação de histórias; de forma que preserve o conhecimento ancestral, promovendo aprendizagens vivas e diretas. A partir delas constitui-se, novos olhares para individualidades; para a docência; o resguardo de uma herança, e principalmente, para a contribuição em fomentar os espaços formativos com a cultura de matriz africana. Destarte, amparo-me nas concepções de Miranda (2020, p. 55): “Perante tais discussões, evidencio que tenho buscado forjar o meu corpo-território com o olhar estratégico para identificar as ausências e as emergências nas espacialidades que transito, sobretudo no que tange à minha prática profissional: formação docente.”

Dessa forma, este trabalho viabilizou a extensão de uma pesquisa iniciada em 2021, formando o corpus completo do material necessário. Dando continuidade na organização de informações coletadas em histórias de tradição oral advinda de terreiros para atualizar o repertório de contos narrados e compartilhá-los com a sociedade, resgatando as histórias contadas por mestras de terreiros para valorização de uma cultura marginalizada e contribuindo para o andamento de uma pesquisa interinstitucional tanto nas ações em campo, como nos processos de produção acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

O presente trabalho desenvolvido juntamente a Mãe Maricélia, inspira-nos a buscar diversos outros pontos aplicados a prática educativa envolvendo a cultura de matriz africana. Objetivou-se durante o desdobrar-se desse estudo colaborar com a preservação desses contos para transmissão do conhecimento, além de evidenciar a potencialidade da herança ancestral, cultural e as vivências dessas mestras para a educação formal de gerações mais jovens. Inicialmente, tínhamos o objetivo principal de coletar as histórias e resguardá-las; no entanto, as vivências no terreiro, aprofundamentos teóricos e formações, fizeram com que pensemos também o espaço enquanto criador de comunidade; a docência; o corpo; a mulher negra..., que em conexão com a ancestralidade narrada nos traçam caminhos possíveis para pensarmos nas perspectivas sociais, espirituais e contemporâneas.

Presumimos que as narrativas de Mãe Maricélia, são/foram propícias para fortalecer e elaborar caminhos possíveis a fim de romper o silêncio; o silenciamento da cultura de origem africana, este que é derivado das estruturas racistas e eurocêntricas, as quais persuadem amiudadamente as concepções das mulheres negras sacerdotisas nos espaços constituídos academicamente. Desmistificando o poder e homogeneização de histórias-outras, alavancando a pluralidade de diferentes histórias e culturas à margem.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, D.; MOURA, B. M. Dos terreiros à academia: mulheres de axé, saberes tradicionais e letramento acadêmico. *Revista Calundu, Brasília*, vol. 4, n.1. p. 1-5, jan./jun./ 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/32234>. Acesso em: 14 out. 2023.
- LUZ, N. P. C. É preciso africanizar a universidade. In: DE MENEZES, F. M. Jaci; SANTANA, C. Elizabete; AQUINO, S. Maria do. *Educação, região e territórios: formas de inclusão e exclusão*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MACHADO, Vanda. *Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais*. Biblioteca digital clam, 2014. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod_dados=138>. Acesso em: 14 out. 2023.
- MIRANDA, E. O. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.
- SILVA, T. L. A.; SILVA DA, W. C. Mulher negra e candomblecista: a potência gestora de mãe floripedes. *Revista Calundu, Brasília*, vol. 4, n.1, p. 55-71, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/30711>. Acesso em: 14 out. 2023.
- SODRÉ, M. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. 1º Edição. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.